



RESENHAS





HITLER, O SEXO E AS MULHERES.

João Fábio Bertonha*

Universidade Estadual de Maringá/CNPq

SAYER, YAN E BOTTING, DOUGLAS. *Hitler e as mulheres. A vida amorosa de Adolf Hitler*. Campinas: Verus, 2005

Publicado em 2005, o livro ora resenhado aborda a sexualidade de Hitler e a problemática do seu envolvimento com o sexo feminino. Em essência, ele defende a idéia de que Hitler era heterossexual, mas que seu relacionamento com as mulheres foi problemático, já que ele, por boa parte da sua vida, tendia a identificar sexo com sujeira. Ele teria acabado por superar essa identificação, mas não os seus problemas, tanto que a impotência e a tendência ao sadomasoquismo foram constantes em sua vida. A única mulher que teria significado algo para ele teria sido Eva Braun, não por acaso aquela que ele desposou no *bunker* em Berlim em 1945.

Esse livro, em si, não é realmente uma obra digna de nota. Há várias partes que parecem ter sido colocadas apenas para ocupar espaço (como a minuciosa descrição do suicídio de Hitler) e repetições de dados e informações não são incomuns. Dados sobre o cotidiano do *Fuhrer*, que ele gostava de café e bolos de creme, também são apresentados, mas sem trazer nenhuma novidade e/ou algo útil. A única singularidade é a descoberta do destino de Walter Wagner, o homem que casou Hitler em 1945, mas mesmo essa descoberta é mais uma curiosidade do que outra coisa.

Na verdade, vale a pena mencionar esse livro menos por suas qualidades ou importância e mais de forma a termos um gancho para recordar e comentar um filão da produção histórica que, aparentemente, não tem fim, ou seja, aquela relativa ao cotidiano e à vida privada de Hitler.

É impressionante realmente como qualquer coisa relacionada com este tema vende. Textos e filmes que abordam as preferências alimentares de Hitler, sua história familiar ou os seus últimos momentos atraem compradores para as revistas e público para o cinema. Parece haver certo fascínio em verificar como mesmo pessoas que causaram tanta dor e sofrimento, como é o caso do *Fuhrer* do Terceiro Reich, continuavam a ser humanas, com medos, fraquezas e necessidades, e a indústria cultural com certeza se aproveita dessa curiosidade para lucrar.

Os tópicos que mais atraem, contudo, são aqueles relacionados a sua morte e sexualidade. Sobre a morte, há todo um interesse, até meio mórbido, pelos

detalhes do seu suicídio e pelo destino do seu corpo. Até como derivação, há também uma imensa demanda por fantasias sobre a fuga do *Fuhrer*. Nelas, Hitler teria fugido de Berlim e ido para o exterior, sendo localizado na Patagônia argentina, na Namíbia, na ilha de Marajó, entre os índios do Peru, na Espanha, em uma base remota no Ártico e em muitos outros locais. Toda a documentação disponível e a própria história de vida de Hitler levam à conclusão de que ele morreu efetivamente em Berlim em 1945, mas a fantasia de sua fuga tem mais apelo e, por isto, é continuamente reelaborada já há mais de sessenta anos.

O problema da sexualidade do *Fuhrer* também é explorado sem tréguas pela indústria cultural moderna. O sexo é uma verdadeira obsessão na nossa cultura e, provavelmente, aquilo que mais vende em termos de produção cultural de massas. A sexualidade dos ditadores e líderes é ainda mais importante nesse filão, já que nossa cultura tende a associar poder e sexo e os ditadores formam a fusão física dos dois, formando um conjunto bastante atrativo.

A sexualidade de Hitler recebe, contudo, uma atenção ainda maior do que a de outros ditadores, até pela sua própria indeterminação. Stalin, por exemplo, parece ter tido uma vida sexual bastante convencional e até chata, enquanto Mussolini era simples e abertamente um grande sedutor de mulheres, o que atrai menos a atenção. Já Hitler tinha uma vida sexual tão esfumada que tudo pode ser colocado dentro dela. Ele pode, assim, ser chamado de sadomasoquista, homossexual, impotente, celibatário, etc., conforme os desejos de quem escreve e consome esse material.

A atenção à sexualidade de Hitler também cresce porque, no mundo contemporâneo, o nazismo foi elevado à condição de mal absoluto. As pessoas têm dificuldade em compreender as suas bases históricas, as fontes de sua ideologia, a sua ascensão ao poder, etc. Algo compreensível, já que, em muitas de suas atitudes, o nazismo realmente fugiu de padrões estritamente racionais, como no Holocausto, baseado quase que totalmente em mitos e preconceitos e não numa análise racional da realidade.

Dessa dificuldade em compreender caminha-se para uma valorização da figura de Hitler e sua sexualidade. Ao invés de, por exemplo, entrar no obscuro mundo da política nazista ou nas suas mitologias e crenças, é muito mais simples imaginar que Hitler ordenou o massacre de milhões por sua mãe ter falecido nas mãos de um médico judeu; para reafirmar sua masculinidade, já que era impotente; para esconder seu homossexualismo ou qualquer outro motivo.

A partir daí, as conjecturas e hipóteses podem se desdobrar ao infinito. Se Geli Raubal, sua sobrinha e sua paixão, tivesse vivido, sua energia nervosa poderia ter sido desviada e milhões estariam salvos; se ele tivesse resolvido seus dramas sexuais, não precisaria ter se voltado para a fome de poder e aprovação

das massas como compensação; se não tivesse tido um pai bêbado e violento, poderia ter sido um homem melhor e o mundo seria diferente, etc. Incrivelmente, é como se Wilhelm Reich e outros psicólogos que enfatizavam a questão sexual como fonte do nazismo (e que foram tão perseguidos por este), tivessem tido a sua vingança na produção histórica de massas contemporânea.

De qualquer modo, nesse material, o que realmente incomoda, para o historiador, é a impossibilidade de confrontar fontes e documentos. Em livros desse tipo – e o aqui resenhado não é exceção – não há citação correta de documentos nem notas de rodapé, o que impede a verificação da credibilidade das fontes. Depois, estes livros têm por praxe citarem-se uns aos outros. Assim, por exemplo, na p. 40, o autor cita algumas informações do livro de David Lewis, já disponível em português¹, a respeito de um suposto dossiê sobre a vida sexual do *Fuhrer*. Ao folhearmos este, a informação está efetivamente lá, mas Lewis não cita a sua origem. Assim, de citação em citação, um boato acaba por se tornar aceito, mesmo que sem nenhum documento para comprová-lo.

Outro problema é que a interpretação das poucas fontes disponíveis é muito subjetiva, o que dá margem a que cada analista tente provar a sua opinião. A subjetividade das fontes é um problema para qualquer historiador, mas essa pode ser controlada, normalmente, pela contraposição com outras fontes e pela sua análise crítica. No caso da vida afetiva de Hitler, estas são tão escassas que se torna impossível qualquer consenso.

Assim, o suicídio de Geli Raubal, por exemplo, é interpretado no livro aqui resenhado como resultado de uma crise de ciúmes em um casal heterossexual mais ou menos comum (p. 51-69). Mas a análise dos mesmos relatos leva outros a interpretarem o acontecido como o ato desesperado de uma moça cansada das práticas masoquistas do *Fuhrer* ou como resultado de um triângulo amoroso homossexual envolvendo Geli Raubal, Hitler e seu auxiliar Emil Maurice.

O relacionamento com Eva Braun também pode ser avaliado de vários ângulos a partir, grosso modo, das mesmas fontes e depoimentos. No livro aqui resenhado, este é visto como um relacionamento heterossexual padrão, ainda que complicado. Para Lewis, Eva Braun era adequada à Hitler já que aceitava suas bizarras práticas sexuais, enquanto, para Machtan, ela era apenas um disfarce para a homossexualidade do *Fuhrer*². Enfim, a partir dos mesmos dados, conclusões cem por cento discordantes.

E o problema não é simplesmente que a maioria dos textos seja produzido por historiadores amadores ou jornalistas, interessados em escrever algo que venda e/ou sem capacidade de analisar corretamente as fontes. Mesmo historiadores sérios e capacitados, como o já citado Machtan (que ressalta a homossexualidade de Hitler) ou outros mais do que conhecidos, como Joachim Fest, John Lukacs ou Allan Bullock (para os quais Hitler era heterossexual, mas, respectivamente,

com carências afetivas, pouca libido ou impotente) e que exploraram a documentação, não conseguem chegar a uma conclusão incontestável.

Note-se que não estou sugerindo que não valha a pena saber mais sobre a vida e a sexualidade do homem Hitler. Ele foi a chave para acontecimentos como a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto e seus padrões de pensamento e emocionais são sim de suma importância. E, colocando de lado os inúmeros boatos e estórias, não sabemos praticamente nada sobre o homem que se tornou o *Fuhrer*. As fontes para tanto são restritas e/ou foram destruídas e, aliás, é justamente pela escassez de fontes que é possível o surgimento ou manutenção de tantas lendas e fantasias.

Enfim, fica claro que a personalidade de Hitler é uma questão de interesse para os historiadores, mas fica o problema que mesmo historiadores profissionais, como alguns dos citados, ao fazerem suas análises, acabam por serem conduzidos ao mesmo psicologismo excessivo que critiquei anteriormente e que faz perder as conexões do homem Hitler com a sociedade e a política da sua época.

Veja-se, por exemplo, a obra de Machtan. Ele sugere, por exemplo, que Hitler reprimiu fortemente os homossexuais na Alemanha por medo de ser descoberto (p. 230) e que o acerto de contas com Rohm em 1934 foi motivado por um esforço em esconder um escândalo sexual gay (p. 26). Supondo que as análises do autor sejam verdadeiras, faria até sentido e não nego que sejam questões que podiam muito bem estar presentes. Mas e a obsessão demográfica do regime, que também o levou a perseguir os homossexuais, culpados de não reproduzirem? E o acordo com o Exército em 1934, que exigiu a eliminação da SA e de Rohm, com suas perigosas idéias de um Exército popular? Ou seja, os problemas pessoais de Hitler podem muito bem ter levado a certos acontecimentos, mas não se pode esquecer, igualmente, o contexto mais amplo.

Em resumo, a sexualidade de Hitler ainda é passível de discussão e deve ser objeto de atenção dos historiadores, já que pode ajudar a explicar um homem e uma personalidade que moldou a história do século XX. Mas é uma discussão que só pode se dar a partir dos parâmetros teóricos e metodológicos da História e da discussão de fontes, ainda que, neste caso, essa pretensão seja dificultada pela sua própria escassez. Mesmo assim, é preferível a este tipo de literatura, que pode ser altamente vendável, mas tem pouco valor real.

NOTAS

Professor do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá/PR e Pesquisador do CNPq. E-mail: bertonha@pq.cnpq.br

¹ LEWIS, David. *A Vida secreta de Adolf Hitler*. Lisboa: Afrodite, 1978.

² Para os dados citados nos últimos parágrafos, ver MACHTAN, Lothar. *O Segredo de Hitler. A vida dupla de um ditador*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, pp. 161-172 e 331-336 e LEWIS, David. *cit.*, 140-154 e 176-182.